Duquesne University
Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana | Anthologie Spiritaine

5-1-2010

# 03. LIBERMANN PARTILHA AS NOTÍCIAS DE FAMÍLIA, Ao P. Laval

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese

Part of the Catholic Studies Commons

Repository Citation
de Mare, C. (2010). 03. LIBERMANN PARTILHA AS NOTÍCIAS DE FAMÍLIA, Ao P. Laval. Retrieved from https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/114

This VII is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Livro Antologia Espiritana 10/10/15 11:09 Page 484



## 3. LIBERMANN PARTILHA AS NOTÍCIAS DE FAMÍLIA

*Ao P. Laval* [339]

*Esta carta para o P. Laval*[340] *não tem data. O P. Cabon, em "Notes et Documents", insere-a entre duas outras cartas de 28 e 30 de Junho de 1847. Tiago Désiré Laval é o primeiro missionário do P. Libermann. Na sua missão em Porto Luís, ilha Maurícia, realiza maravilhas entre os negros desde a sua chegada a 14 de Setembro de 1841. Há muito tempo que Libermann queria enviar-lhe companheiros, mas a administração inglesa não via com bons olhos a ida de missionários franceses para a Maurícia. O P. Laval terá, finalmente, os seus primeiros companheiros, em breve acrescentados com os regressados da Austrália*[341]*, onde a missão fracassou.*

*Libermann faz ao P. Laval o ponto da situação sobre a Congregação, particularmente em Dakar e no Gabão. Informa-o também da nova situação em Amiens onde vivem sessenta pessoas, repartidas entre duas comunidades de formação. La Neuville (o noviciado) foi vendido. Libermann reside agora no bairro suburbano de Noyon com os noviços desde 23 de Abril de 1847. Ficará lá até 19 de Abril de 1848, altura em que o noviciado será transferido para o Gard, por razões de economia. Entrementes, quem reside no Gard são os teólogos, com o P. Inácio Schwindenhammer por diretor. Ficarão lá até ao momento da "fusão" em 1848. Virão então para o Seminário do Espírito Santo em Paris.*

Fim de Junho de 1847 (?)

Caríssimo confrade,

Embora na minha última carta lhe tenha dado notícias da Congregação, vou no entanto repetir-lhe o que talvez já saiba por recear que a minha ou as minhas cartas não lhe tenham chegado. É um receio fundamentado porque ao longo de todo este tempo nunca me escreveu. Faço votos, entretanto, para que se estreite um pouco mais a nossa relação.

[339] ND IX, pg. 211-218.
[340] Cf. índice onomástico.
[341] ND IX, pg. 138 sgs. .

Tenho pouca sorte com as minhas cartas, não sei que voltas dar para que elas lhe cheguem com segurança. Peço-lhe para dar a conhecer o conteúdo desta carta ao nosso caro confrade, P. Lambert, e ao terceiro confrade que estará convosco quando ela chegar.

A nossa pobre missão da Guiné, que teve tão infeliz começo, está agora a ir bem e dá-nos muita esperança. A sua área é imensa e a sua população muito mais numerosa do que se pensa. Desde que reassumimos esta missão, nada de mal nos aconteceu. O único sobrevivente dos sete primeiros que a nossa Congregação tinha enviado para lá, o P. Bessieux[342], contraiu o ano passado uma grave doença no Gabão, de onde regressou à Europa para recuperar a saúde. Agora passa muito bem e volta para lá no próximo Outono.

Depois dessas primeiras desgraças que nos aconteceram, concebemos o projeto de abrir uma casa perto da costa, num lugar saudável, onde receberemos crianças indígenas para as instruir e formar, em ordem a prepará-las para serem padres e catequistas. Essa casa está já pronta, fica em Dakar, no Cabo Verde, a duas léguas da Goreia.

Dakar tem muito bom clima, os nossos missionários dão-se lá muito bem. Têm lá uma casa em pedra, de 36 metros de comprimento por 15 de largura. Esta casa servirá de lugar de aclimatação para os missionários que chegam, de recobro para os missionários adoentados, de escola central para os indígenas. Temos lá oito padres; há ainda mais dois para tomar conta da escola e três irmãos. Descendo a costa, a 15 milhas do Equador, nas margens do rio do Gabão, temos três padres e um irmão. Este lugar é um dos mais sadios da costa. Vários régulos pedem aos nossos confrades para se irem estabelecer lá. O P. Bessieux levará consigo dois padres e um ou dois irmãos. Espero que possam, depois de lá terem chegado, abrir uma outra casa e avançar para o interior do território: e é tudo, quanto à parte material da missão. Já se tomaram medidas para que em breve os nossos confrades possam alargar a sua ação e começar a sério a pregação do santo Evangelho. Em relação ao espiritual, ainda nada de sério foi realizado dois anos passados desde que retomámos a missão. Isto deve-se a várias causas, às dificuldades do clima que nos obrigou a muitas cautelas, e a algumas outras dificuldades materiais. Começámos por nos estabelecer na Goreia (foram os PP. Arragon[343] e Briot). Aí os missionários ficaram algum tempo sem poder fazer nada, porque os prefeitos do

[342] Cf. índice onomástico.

[343] Cf. índice onomástico para Arragon, Briot, Lossedat, Warlop e Le Berre.

Livro Antologia Espiritana 10/10/15 11:09 Page 486



Senegal não queriam dar-lhes jurisdição. Foram uma vez ou outra a Dakar, mas eram estadias muito curtas. Mais tarde, pedi a Roma os poderes de prefeito apostólico para o P. Tisserant, e este caro confrade partiu com os PP. Lossedat e Warlop com o propósito de fundar um estabelecimento em Dakar. O P. Tisserant morreu no caminho (como soube) e os outros dois embarcaram noutro navio e chegaram a bom porto. Começaram a construção em Dakar continuando a residir na Goreia sem fazer nada, bem entendido. A morte do P. Tisserant atrasou os assuntos da missão da Guiné. Pedi de novo os poderes de prefeito apostólico para o P. Gravière. Obtive-os e ele partiu em Maio do ano passado, 1846, com o P. Le Berre.

Até essa altura o P. Bessieux ficara sozinho no Gabão. Dedicou-se a aprender a língua. Demorou muito a aprendê-la, por falta de intérprete. Entretanto, o P. Briot visitou o P. Bessieux e voltou à Goreia em busca de reforços; voltou para junto do P. Bessieux com o P. Le Berre. O P. Bessieux já tinha conseguido pôr por escrito a língua da região (o npungué). Tinha composto uma gramática, um dicionário, um catecismo e a história de Nosso Senhor Jesus Cristo. Logo que chegaram os PP. Briot e Le Berre, o P. Bessieux era para se dedicar a instruir as pessoas dessa terra, mas caiu doente e voltou à Europa para recuperar a saúde. Durante a sua ausência, os seus confrades aprenderam a língua mais depressa do que ele, beneficiando de facilidades que ele não teve, e agora podem começar a instrução.

O P. Lossedat foi juntar-se a eles. Os habitantes do Gabão pedem para ser instruídos e batizados, mas os nossos confrades não querem ir depressa; só querem batizar depois da mudança de vida.

Esquecia-me de lhe dizer que já têm no Gabão uma igreja. O rei duma ilha próxima, conhecida por ilha de Koniquet, pede missionários. Mandou construir para eles uma choupana, bela e cómoda, num lugar muito elevado da ilha, escolhido pelos missionários; vão em breve iniciar aí uma fundação. A língua da ilha é precisamente o npungué.

Em Dakar, os nossos missionários também já lá estão há cerca dum ano. As pessoas de lá estão muito animadas e, se não fosse a oposição dos imãs, haveria já numerosas conversões; mas esses desgraçados não o permitem. Todo o país está bem disposto em relação aos missionários e admira-os; o rei e os chefes estão totalmente do lado dos missionários, e o sobrinho do rei, que

Livro Antologia Espiritana 10/10/15 11:09 Page 487



deve suceder-lhe, é muito instruído no cristianismo e cristão de alma; ainda não se batizou por medo de desencadear uma perseguição. Atingiu-se o ponto em que, mal haja uma primeira conversão, muitas mais se lhe seguirão.

Está a ver como era quase impossível haver já trabalho feito. Sobretudo a morte do P. Tisserant constituiu um grande revés para os assuntos da missão. Se, desde o início, tivéssemos um bispo para começar a missão, esta teria avançado melhor. Não ousei logo pedi-lo. Em Maio de 1846, fiz uma viagem a Roma. Pedi um vigário apostólico e o meu pedido foi deferido. O P. Le Vavasseur deve ter-lhe transmitido os detalhes que lhe dei a esse respeito, por isso não tenho necessidade de me alongar sobre isso. O bispo, D. Truffet, recebeu as suas bulas no dia em que fez os seus votos, na festa da Epifania deste ano. Embarcou no dia 15 de Abril último com os PP. Chevalier[344], Bouchet, Dréano e Gallais. E ainda dois catequistas, os Srs. Lamoise e Durand, que depois poderão talvez chegar ao sacerdócio.

D. Truffet, com este reforço, chegou a 8 de Maio. Encontrou o P. Arragon e o Ir. Siméon ausentes e cativos no reino de Cayor, vizinho de Dakar. Tinham ido fazer uma viagem de reconhecimento a esse reino. Logo que o rei de Dakar soube desse cativeiro, veio encontrar-se com D. Truffet que tinha desembarcado há dois ou três dias quando esta notícia chegou a Dakar; o rei veio então ver o Sr. bispo e ofereceu-lhe os seus soldados e a sua influência (o que é pouca coisa, porque o rei de Cayor é muito mais poderoso do que ele); D. Truffet disse-lhe que Deus cuidaria de seus servos, e que ele não emprega a força para o bem, que faz tudo com mansidão. O bom rei Eliman ficou admirado com tal doutrina. No entanto, reuniu os chefes e os imãs, e todos juntos tomaram a resolução de escrever ao rei de Cayor a reclamar os missionários. Foi Soleiman, sobrinho do rei, já antes referido, que escreveu a carta. Dizia-se entre outras coisas, que os dois brancos eram hóspedes de Dakar, que eram homens pacíficos, e que o rei e os chefes os queriam de volta; e que se em Cayor ficassem só que fosse com um lenço deles, a guerra estava declarada por trinta anos. Esta fanfarronada foi levada ao rei de Cayor por três cavaleiros de Dakar, e ao fim de onze dias, eles regressaram triunfantes a Dakar trazendo consigo os dois brancos. Estou convencido que ao mesmo tempo o comandante da Goreia terá escrito também para Cayor a reclamar os dois franceses, e que o pedido do comandante francês terá produzido mais efeito que a carta dos chefes de Dakar. Nem por isso eles estão menos briosos. A missão da

[344] Cf. índice onomástico para Chevalier, Bouchet, Dréano, Gallais, Lamoise, Durand, Siméon.

Livro Antologia Espiritana 10/10/15 11:09 Page 488



Guiné está destinada a expandir-se muito. Dentro de poucos anos, serão precisos pelo menos três bispos nesses vastos territórios.

Começamos por nos estabelecer em boas condições junto à costa. A partir daí, aprendemos a conhecer bem a região e, uma vez bem informados, avançaremos para o interior dos territórios, e lá é que há maiores possibilidades de fazer o bem. Porque, junto à costa, a corrupção que os europeus para lá levaram e as dificuldades que eles criam a cada passo aos missionários, serão sempre um grande obstáculo.

Uma das nossas dificuldades reside na multiplicidade de línguas. De 50 em 50 léguas, as línguas variam.

Reze sempre por seus irmãos que estão ou que irão para esses países virgens, onde o Evangelho nunca foi pregado.

O vicariato de D. Truffet, tal como está atualmente, inclui a Senegâmbia (exceto as ilhas de São Luís e da Goreia), a Serra Leoa, as Duas-Guinés (exceto ainda os postos dos portugueses no Congo), o que faz cerca de 1.200 léguas de costa. A Senegâmbia sozinha bastaria para formar um grande vicariato.

Agora uma palavra sobre nós. O nosso número já é bastante considerável. Temos uma dezena de noviços, sendo 4 padres e um quinto que vai ser ordenado proximamente nas ordenações de Setembro e mais 5 que vão ser subdiáconos. Na casa de estudos de que lhe falarei daqui a pouco, temos vinte e quatro estudantes, dos quais três em filosofia; os outros são teólogos; vários pedidos foram já feitos para o começo do ano, e outros se lhes seguirão. Somos apenas cinco diretores para as duas casas; de maneira que estamos sobrecarregados. O pessoal total das duas casas, incluindo os irmãos, ascendia pouco mais ou menos a sessenta este ano.

Não sei se sabe que já não estamos em La Neuville, porque não sei se a minha carta lhe chegou. Vendemos a casa de La Neuville para irmos para mais perto da cidade. Residimos, quer dizer eu e o noviciado, no bairro Noyon, 56. A casa de estudos fica a três léguas de Amiens, na abadia do Gard. Temos lá uma belíssima igreja, com tudo o que é preciso, com cerca de 30 a 40 metros de comprimento. Os ofícios fazem-se lá em perfeitas condições e a igreja tem muito boa acústica. Está dedicada a Nossa Senhora do Gard. A

Livro Antologia Espiritana 10/10/15 11:09 Page 489



estátua ao fundo do altar é uma imitação da existente em Nossa Senhora das Vitórias de Paris. Há ainda uma casa grande, com 60 metros de comprimento por 15 a 18 de largura; um quintal geminado com uma área de cerca de 7 jeiras; o cemitério dos trapistas ficou para nós. O primeiro que lá foi enterrado depois da nossa chegada foi um jovem negro (o Sr. Séclo ou Thiekoro), que nos faleceu no inverno passado. Além do quintal, temos ainda dois talhões de macieiras de cerca de duas jeiras; e ainda um grande pátio com macieiras e um galinheiro com muitas divisões. A moradia está completamente isolada e separada de qualquer outra habitação. Há aldeias nas cercanias, o lugarejo mais próximo fica a dez minutos de caminho. Os nossos bons jovens estão cheios de fervor e muito contentes. A regularidade é muito bem observada. Não temos tido nada que censurar a esses jovens. São piedosos e estudiosos; no recreio são alegres, abertos e muito amigos uns dos outros.

Nas ordenações de Setembro próximo, teremos um padre, 5 subdiáconos, 4 para ordens menores e 7 para a tonsura. O noviciado também vai muito bem, e irá cada vez melhor logo que nos livremos da balbúrdia da mudança de casa, em que estivemos metidos até agora, mas que vai acabar, assim o espero, na véspera da Assunção. O silêncio, a regularidade, a obediência e as outras virtudes do noviciado são bem observadas.

Como vê, no que toca ao espiritual vai tudo bem. Só as finanças e eu é que ficamos para trás. No entanto, creio que eu ainda fico muito mais para trás do que as finanças. A carestia deste ano e a necessidade de aumentar o mobiliário da casa ocasionaram despesas consideráveis. A nossa boa Mãe sustentará a sua casa. Conto com a Providência, tenho a certeza que não vou ficar desiludido.

Não lhe dou detalhes sobre a Austrália. Sem dúvida que os tem e mais do que eu; obrigado a renunciar a esta missão, recomendei aos PP. Thévaux[345] e Thiersé que viessem para Bourbon, e presumo que o P. Le Vavasseur lhe enviou um dos dois, porque no futuro deveis ser três na Maurícia. Se tiver ainda necessidade de gente, se conseguir meios de subsistência para mais alguns confrades, diga-mo, e enviar-lhe-ei mais. Dir-lhe-ei que vamos ter no próximo ano um jovem duma família bastante boa da Maurícia. Não sei se é de Porto Luís ou dos arredores. Chama-se Berthier. Vem fazer a filosofia em Issy. É de saúde frágil, no entanto espero que se aguente. Temos sentido a

[345] Cf. índice onomástico para Thévaux, Thiersé, Boulanger, Clair.

Livro Antologia Espiritana 10/10/15 11:09 Page 490



necessidade de ter algumas casas para missionários nos portos marítimos, sobretudo no sul da França. Seria demasiado longo se quisesse desfiar-lhe os motivos ao pormenor. Surgiu-nos uma boa oportunidade para começar uma obra dessas em Bordéus. Acabo de enviar para lá dois confrades, os PP. Boulanger et Clair. Com eles vai um irmão.

São estas mais ou menos, em resumo, todas as notícias.

Abraço-o na caridade de Jesus e de Maria.

Todo seu.

***F. Libermann,***
***P. do Sagrado Coração de Maria***

P. S. – Tenho sempre a lamentar o seu silêncio. Não sei se as suas cartas se perdem ou não; mas há muito tempo que não recebi notícias de sua parte. Recomendo-lhe a leitura do capítulo 9 da IIIª parte das nossas Regras.

Conto com preparar-lhe para o próximo ano um bom saboiano robusto e excelente padre, que poderá fazer um bom trabalho na Maurícia.